

COSTA, Alfredo Augusto Machado e

Coimbra, 1870 - ? 1952

Machado e Costa diplomou-se em Filosofia Natural na faculdade de Matemática e Filosofia da Universidade de Coimbra (1896-97), complementando desta forma a sua formação militar em artilharia na Escola do Exército (Fig. 1).

A par da docência das Ciências Naturais e Físico-Químicas no Colégio Militar, para onde fora nomeado pelo Ministério da Guerra como professor provisório, desenvolveu durante vários anos uma profunda atividade no respetivo museu, contribuindo para o desenvolvimento das coleções destinadas ao ensino prático das disciplinas da História Natural. Sublinhem-se as colaborações que granjeou junto de alunos e docentes, das autoridades da administração colonial e da própria Comissão Geológica (Costa, 1940, 77). Em paralelo, e desde 1923, Machado e Costa regia a cadeira de Mineralogia e Geologia no Instituto Industrial de Lisboa, onde colaborou igualmente na organização das coleções incorporadas no Museu de Mineralogia ali instalado.

Ao longo dos anos, enquanto docente da Faculdade de Ciências de Lisboa, na qual iniciara funções em 1914 como 2.º Assistente (Costa, 1952, 194; Assunção 1954, 3), Machado e Costa assegurou, ao longo anos, a regência de todas as principais áreas disciplinares, algumas desde o início do seu funcionamento, como aconteceu com a Mineralogia e Petrologia, praticamente desde 1914, e a Paleontologia, curso com um programa vasto que o regime semestral obrigou a limitar à paleontologia zoológica, em especial à dos invertebrados. Com o progressivo afasta-

mento de outros docentes, Machado e Costa foi acumulando novas regências, nomeadamente a Cristalografia, cujo ensino era assegurado desde a criação da Faculdade pelo lente proprietário da “7.ª cadeira”, o engenheiro de minas Francisco Roquette (1844-1931), a Geografia Física e Física do Globo, curso até então regido por Francisco Luís Pereira de Sousa (1870-1931) falecido prematuramente, e o Curso Geral de Mineralogia e Geologia, tradicionalmente assegurado por Alfredo Freire de Andrade (Costa, 1940, 79-85; Costa, 1952, 194).

Em 1931, já como lente catedrático, foi-lhe atribuída a direção do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, sucedendo no cargo ao engenheiro Pereira de Sousa.

Ciente da importância do acervo reunido desde o início da Secção Mineralógica do Museu Nacional, instituída pelo decreto de 13 de janeiro



FIG. 1 Alfredo Augusto d'Oliveira Machado e Costa (1870-1952), lente catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, diretor do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico. Anos 1930. Reproduzido de Costa, 1940.

de 1862, formado pelo acervo do extinto Museu Real da Ajuda, pelas coleções da Academia das Ciências de Lisboa e por muitas aquisições e doações nacionais e estrangeiras, Machado e Costa sabia bem da urgência de o valorizar e modernizar. Desta forma, deu continuidade ao trabalho persistentemente desenvolvido durante os anos da curadoria do naturalista Jacinto Pedro Gomes (1844-1916), continuado em novos moldes, a partir de 1919, por Carlos Freire de Andrade (1893-1956).

Machado e Costa empenhou-se também na reorganização e crescimento do acervo de mineralogia e petrologia, acompanhando a par e passo os trabalhos de sistematização das coleções de rochas portuguesas, segundo a classificação de Friederich Rinne (1863-1933), e da coleção geral de mineralogia, obedecendo à mais recente distribuição de classes, a partir das atualizações da proposta formulada por James Dana (1813-1895) no seu clássico *System of Mineralogy* (Costa, 1952, 194) (Fig. 2).

É de sua iniciativa a publicação do catálogo da coleção geral de minerais e pedras preciosas do museu, para que pudesse ser “utilizado como guia dos visitantes”, o primeiro a ser editado em Portugal e ferramenta de trabalho inexistente até em muitos museus estrangeiros, como fez questão de sublinhar (Costa, 1937, X). Este catálogo foi completado com dois outros, incidindo um sobre os minerais portugueses, uma coleção esquecida durante muitos anos, e outro sobre os minerais coloniais, cuja leitura, na opinião do catedrático, permitia evidenciar “a distribuição espacial dos recursos mineiros no nosso subsolo de além-mar” e o respetivo potencial. Pretendia-se, com o seu conhecimento e divulgação, o engrandecimento do mostruário “minero-colonial” do Museu Mineralógico (Costa, 1938a, V).

Estas edições, para as quais Machado e Costa conseguiu um apoio especial das Finanças, então tuteladas por Oliveira Salazar (1889-1970), permitiram potenciar os trabalhos desenvolvidos

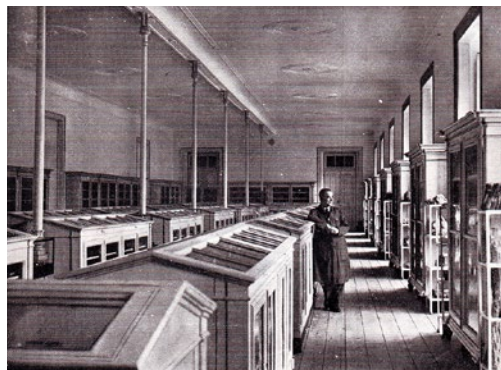


FIG. 2 Detalhe da sala das coleções gerais de mineralogia e estratigrafia, anos 1930. Reproduzido de Costa, 1938.

pelos naturalistas, constituindo, hoje em dia, testemunhos fundamentais para o estudo do acervo e da sua distribuição espacial no museu, antes da sua destruição pelo incêndio de março de 1978.

A sua proximidade ao Regime bem evidenciada na nomeação, se bem que efémera, como Ministro do Comércio e Comunicações em 1928 (Costa 1938, 174), num governo presidido pelo general Óscar Carmona (1869-1951), bem como o espírito de exaltação dos valores coloniais que se vivia no início da década de 1930, levaram Machado e Costa a apoiar a iniciativa governamental de constituição de um “Museu Colonial”, estratégia de fomento e concatenação de diferentes competências para produzir um “saber” específico, que afirmasse o Império emergente do Acto Colonial (Brandão *et al.*, 2015, 10).

Apoiado pelo Ministério das Colónias, este projeto concretizou-se em meados de 1936 com a abertura da “Sala do Império Colonial do Museu Nacional”, instalada no seio do Museu Mineralógico e Geológico, onde foram concentradas e dispostas geograficamente as coleções das então colónias portuguesas; várias centenas de minerais, rochas e fósseis incorporadas ao longo dos anos, fruto de colheitas de naturalistas, membros das missões de estudo e por muitos agentes da administração civil e militar das possessões ultramarinas (*ibidem*: 14).

Sublinhe-se, neste âmbito, a colaboração ativa do naturalista António Sousa Torres (1876-1958), primeiro chefe da Missão Geológica de Angola, que fez conduzir para o museu parte das colheitas realizadas durante a sua estada nesta província, bem como muitos duplicados das amostras colhidas pelos seus antigos colegas da Missão que continuaram os seus trabalhos naquele território.

Machado e Costa escreveu também sobre o papel do museu enquanto instrumento de investigação e ensino, dando suporte e continuidade ao boletim científico, lançado pouco tempo antes por Pereira de Sousa, destinado à publicação dos resultados obtidos pelos naturalistas do museu e pelos docentes e investigadores da Faculdade com a qual se entrosava, aberto à colaboração de naturalistas das outras instituições de investigação e ensino portuguesas e de outros países.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUNÇÃO, Carlos Torre de. 1954. "Prof. A. A. d'Oliveira Machado e Costa (1870-1952)". *Boletim Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa*, 7.º s., 22: 3-57.
- BRANDÃO, José M.; Póvoas, Liliana; Lopes, César. 2015. "Geologia colonial: o protagonismo do museu da Politécnica de Lisboa". *Midas*, 5: 2-19.
- COSTA, A. Machado e. 1940. "Escola Politécnica de Lisboa. A VII cadeira e os seus professores". *Revista da Faculdade de Ciências*, 2 (5): 43-88.
- COSTA, A. Machado e. 1938. "O Museu Mineralógico e Geológico". *Revista da Faculdade de Ciências*, 1 (3): 121-175.
- COSTA, A. Machado e 1938a. *Inventário de Minerais. Coleção Colonial*. Lisboa: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa.
- COSTA, A. Machado e. 1937. *Inventário de minerais. Coleção geral, de pedras preciosas e de minerais de ornamentação*. Lisboa: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa.
- COSTA, J. Carrington da 1952. "O Prof. Machado e Costa". *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 10 (I-II-III): 193-196.

[J. M. B.; V. F. S.]

JOSÉ MANUEL BRANDÃO Geólogo, investigador integrado do Instituto de História Contemporânea (FCSH/NOVA), doutor em História e Filosofia da Ciência, mestre em Museologia. Exerceu a docência, mantendo colaboração com cursos de formação avançada. Entre 1991 e 2011 desempenhou tarefas técnico-científicas no Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa (Mineralogia e Geologia) e o cargo de Conservador do ex-Instituto Geológico-Mineiro (atual LNEG). Colaborou na programação no Museu de História Natural de Sintra, Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e no projeto de renovação do Museu Municipal de Porto de Mós. Autor e coautor de diversas publicações no domínio da história e museologia das Geociências e do património mineiro em Portugal, domínios de investigação regular.

VANDA FARIA DOS SANTOS Paleontóloga, investigadora no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, coordena o projeto "Paleobiologia e Paleocologia de Dinosauria e faunas associadas de Portugal e o seu papel macroevolutivo no contexto do Mesozóico da Europa ocidental". Encontra-se a reorganizar as coleções de plantas e de invertebrados fósseis do MUHNAC, tendo em vista a recuperação e a atualização do seu valor científico e pedagógico e a acessibilidade, cruzando-as com a história do museu. Nos últimos 25 anos de pesquisa que desenvolveu em colaboração com paleontólogos de diferentes instituições, descreveu diversas jazidas com pegadas de dinossáurio e é autora e coautora de publicações científicas e de divulgação sobre este património paleontológico. É membro da equipa responsável pela coordenação científica do "GEOcircuito de Sesimbra", um projeto municipal concebido para inventariar, catalogar, caracterizar e promover o património geológico desta região.